

Simbologia das vestes sacerdotais no «Livro de José de Arimateia»

As coisas terra-a-terra são elas mesmas e, muitas vezes, símbolos. Símbolos de realidades mesmo intemporais ou até religiosas. Não era sem razão que os Santos Padres e seus continuadores se referiam ao Evangelho da Natureza.

Nas vestes sacerdotais, o manípulo, por exemplo, habitualmente na mão esquerda, não passava antigamente dum pano ou lenço para limpar o suor, no calor fogueiro da oratória ou nas caminhadas em tardes quentes! Com os bárbaros, os tempos evoluíram bastante, as vestes seculares, primeiramente iguais às sagradas, foram mudando na vida comum, mas continuaram a usar-se nas igrejas, com poucas modificações, tanto mais que davam esplendor às cerimónias sagradas. A alva de hoje equivale à túnica — e assim por diante.

Quanto às cores, também elas faziam parte da simbologia religiosa, como salta aos olhos na interpretação patrística do Gen 49, 11¹.

Sob o nome de Hugo de S. Vítor, espalhou-se bastante a obra, em três livrinhos, *De Caeremoniis, Sacramentis, Officiis et Observationibus Ecclesiasticis*, agora atribuída a Roberto Páululo². Ali vemos exposta a significação das vestes sacerdotais do presbítero e do bispo³, sendo a mitra já de duas pontas (e não redonda), o que levou à expressão medieval de *cornutus*, como equivalente de mitrado ou bispo. Disto falaremos adiante, para melhor compreendermos a apóstrofe de S. António e para corrigirmos dois ou três erros na edição de Karl Pietsch, da Universidade de Chicago. Deixemos pois isso para o fim.

¹ CARMELO GRANADO BELLIDO, *Simbolismo del Vestido. Interpretación Patrística de Gen 49, 11*, em «Estudios Eclesiásticos», t. 59 (Madrid, 1984) pp. 313-357.

² Cf. PL 177, 381-456.

³ *Ib.*, 381-456.

Agora, limitamo-nos a acentuar que o *De Officiis Ecclesiasticis* dedica um breve capítulo ao simbolismo da mitra. Sabem os eruditos que as mitras eram, no começo, redondas e traziam-na os leigos de autoridade e muitos clérigos, sobretudo bispos. O feitiço variava muito, com o tempo e os povos. Embora arredondadas quando chegou o séc. XII, desde então foram tomando uma forma diferente, mais alta e cindida transversalmente ao meio, de cima a baixo, terminando em duas pontas.

Era a mitra obrigatória nas cerimónias rituais dos bispos e, por isso, refere-se Roberto Páululo à mitra pontifical (e só a ela), acentuando que o seu emprego se tornara de preceito *ex usu legis*. A mitra cobre e protege a cabeça, diz ele. E porque nesta reside a plenitude dos sentidos, deve estar na mitra a defesa contra as tentações mundanais. As duas pontas significam as muralhas do Testamento Velho e do Novo, com que os bispos se defendem a si e aos outros, contra os inimigos de Cristo e as ciladas do mundo.

O amicto serve para cobrir a cabeça, pescoço e ombros, a fim de suportar o jugo de Deus, etc.. Pelo cingulo, entende-se a castidade. Pelo manípulo queremos dizer penitência, pois era com o manípulo ou sudário que os antigos limpavam o rosto suado pelo calor e pela poeira dos caminhos, ou nas pausas dum sermão comprido.

As sandálias do bispo, essas têm espaços abertos por cima: «aperturas habent superius». E para quê? Para representar a misericórdia dos prelados. Com efeito, as Escrituras louvam e põem em relevo os pés dos pregadores do Evangelho.

Não vale a pena continuar. Contudo, não foi o Pseudo-Hugo de S. Vítor (ou Roberto Páululo) o autor seguido no *Livro de José de Arimateia*, nem isso nos preocupa agora. Importa-nos, sim, pôr em relevo a interpretação simbólica das vestes episcopais no *Livro de José de Arimateia* (ou em francês da Vulgata: *Lestoire del Saint Graal*), para daí concluirmos que foi escrito por um *clerc* sabedor, do séc. XII em diante, em que as mitras episcopais deixaram de ser redondas.

Os «çapatos» do bispo Josefes, lemos nós, mostravam-lhe a obrigação de não dar nenhum passo em mau caminho, nem sujar os pés no pecado, mas andasse sempre a pregar, a confessar e a dar bons conselhos. E Cristo, dirigindo-se a Josefes, ajunta: Desejo que em ti se realizem as palavras da Escritura, onde ela diz: «bemto he ho homem que nõ quer ser comsemtidor no comselho dos mãos nem seus pees meter em carreira que os desleaes pecadores amão, nem ser na

carreira do destruymento, mas naquele meter sua vomtade e seu poder, que quer guardar os seus mamdamentos e isto he seu cuidar de noite e de dia»⁴.

Estamos no salmo 1, 1-2, e o francês arcaico reza desta maneira: «li hons est boin eureus qui ne veut estre conseilheres des consaus as felons et qui ne veut porter ses pies par la ou li desloial et li peceor vont et qui en siet mie ne la caiere de destruyement, mais il mete sa volonte et sa poissance a parfaire les commandaments de la loy nostre seignor et en ceste cose furent si pense nuit et jour ne navoit autre»⁵. Por sua vez, o castelhano diz mais claramente do que a versão portuguesa: «Bendicto es el omne que non quiere meter sus pies en la carrera que los omnes malos aman, ni ser en la forma del destruyimiento, mas en aquella do aquel mete su voluntad e su poder que quier acabar los encomendamientos de Jesu Cristo. E aquesto es su pensar de noche et de dia»⁶.

Símbolo da castidade é a branca sobrepeliz, pois a pureza ajuda as outras virtudes. Cobrimos a cabeça com o amicto, para ela (a cabeça) não se ensoberbecer e alevantar, antes se abaixe como a do publicano. Este, de facto, não ousava olhar para o altar e batia no peito «e dizia: senhor deos, ave piadade deste pecador».

Há um pano verde que o padre nunca põe em si. Unicamente o bispo! Significa a paciência, sem a qual não há vitória nem honra, uma paciência sempre verdejante e nunca seca.

O amicto, é costume trazê-lo mais no braço esquerdo do que no direito. Quer isto dizer que a missão da mão esquerda consiste em dar e a da mão direita em reter⁷.

Sentimo-nos chocados, pensará o leitor, pois isto parece ir contra o bom-senso e certa passagem do Evangelho: «Tu autem faciente eleemosynam, nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua» (Mt 6, 3). No francês lemos outra coisa, um pouco mais extensa⁸: O pano que pende do teu braço esquerdo significa a abstinência, pois trata-se duma grande virtude no meio de muitos bens, e é uma virtude de direito próprio. Desejas saber por que motivo se põe o manípulo no braço

⁴ Livro de José de Arimateia (Chapel Hill, 1967), pp. 117-118. Ed. Hare Carter.

⁵ Vulgata-Sommer, t. 1 (Washington, 1909) p. 37.

⁶ *Spanish Grail Fragments* t. 1 (Chicago, 1924), p. 42. Ed. Karl Pietsch. Notas e comentários no segundo volume, do ano seguinte. Fragmentos: *El Libro de Josep Abaramatia; La Estoria de Merlin; Lançarote*.

⁷ Livro de José de Arimateia, ed. cit., pp. 118-119.

⁸ Vulgata-Sommer, t. 1, ed. cit., p. 38.

esquerdo e não no direito? É porque o braço esquerdo não se usa a não ser por excepção, e o braço direito não é para estar parado.

De facto, só os canhotos usam bastante o braço esquerdo, mais ainda do que a mão direita. Talvez seja melhor transcrever do castelhano: «El manipulo que pones en el brazo izquierdo que cuelfa fazia baxo muestra que es abstinencia. E es una grand virtud, e ha en ella mucho de bien. E este es un mienbro de derecha. Et si tu quieres saber el manipulo por que es mas en la mano izquierda que en la derecha: Porque la izquierda non deve fazer si non despende, e la diestra rretener»⁹. Haveria naqueles tempos o costume de dar com a mão esquerda e tomar ou conservar com a mão direita?

A estola recorda-nos que devemos obedecer. A casula vermelha simboliza a caridade, porque o amor é fogo. Tens de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo. O báculo, na tua mão esquerda, é «agudo» em cima, a significar «vingança», ou melhor, castigo. E simboliza também a misericórdia, porque é «curvo pera baixo». Com efeito, o bispo pode «amoestar o pecador de comfissão e pregarlhe tão que se arrependa de seu pecado»¹⁰. Quanto ao anel do bispo, significa ser ele «ajuntado à sãta ygreja» por casamento, sempre fiel «à sua leal esposa», nos trabalhos e na boa andança.

Roberto Páululo, ao falar do báculo, refere-se igualmente à sua *recurvitas*¹¹, noutro lugar para onde remete o leitor. Acentuamos isto por causa da palavra *cornutus*, no sentido vulgar de mitrado, bispo. Na verdade, como dissemos atrás, as mitras, a partir do séc. XII, deixaram de ser redondas e passaram a terminar em ponta, ou antes em duas pontas, pois eram cindidas de alto abaixo, dum lado para outro. Basta consultar o *Lexicon Latinitatis Medii Aevi* (Turnholt, 1975), de Alberto Blaise, ou então o *Glossarium* de Du Cange, em *Cornutus*, n.º 2: «Episcopus a mitra, quae episcopis propria est, sic appellatus. Vide supra *Cornulatus*. Chron. Hern. de Blancforde pág. 80:

Nostri cornuti sunt consilio quasi muti,
Et quia non tuti, nequeunt sermonibus uti;
Sunt quasi confusi, decreto legis abusi.
Sic perit ecclesia, juris et ipsa via».

⁹ *Spanish Grail Fragments*, t. 1 ed. cit., p. 43.

¹⁰ *Livro de José de Arimateia*, ed. cit., p. 119.

¹¹ Cf. PL 177, 401.

Por outro lado, temos a apóstrofe famosa e audaz de S. António ao arcebispo de Bourges e pedimos ao leitor para fixar a passagem essencial, «Tibi loquar, cornute». Léon de Kerval cita-a, explicando ser ela um dos factos mais bem documentados da vida de S. António: «L'un des faits, par ailleurs, les mieux établis de la vie d'Antoine, c'est à coup sûr son apostrophe fameuse à l'archevêque de Bourges, Simon de Sully; Jean Rigauld relate le fait d'après des témoins. Prêchant dans un synode, en présence de ce prélat, le saint, avec une indépendance toute apostolique, ne craignit pas de lui adresser publiquement de véhéments reproches sur sa conduite, c'est-à-dire vraisemblablement, suivant la remarque du Dr. Lempp et de l'abbé Lepitre, sur son hostilité à l'égard des Frères Mineurs. *Le Liber Miraculorum*, qui reproduit presque textuellement Jean Rigauld, dit simplement: *Ad archiepiscopum verbum dirigens in fervore spiritus, dixit ei: Tibi loquar, cornute. Coepit autem quaedam vitia, ex quibus erat archiepiscopus in conscientia sauciatus*», etc.¹².

Dirijo-me a ti, *cornute*, isto é, mitrado, bispo. E por que razão gastamos tanto tempo neste ponto? Para esclarecermos algumas passagens da versão espanhola, tal como as publicaram, não sabemos se por culpa de algum copista ou dos editores de agora. Com frequência, o *n* escrevia-se quase em forma de *u* e este podia equivaler a *v*. Resultado, *corvos* em vez de *cornos*.

Faltam, no português, breves passagens e também longas. Por exemplo, o português, em seis linhas, passa da mitra (*capelo curuudo*, ou melhor, *cornudo*) para a celebração da missa pelo bispo Josefes¹³. Capelo, antigamente, também significava chapéu, touca, cobertura para a cabeça.

«Ora debes saber que senefica ho capelo curuudo comfissão, e por erost^o ¹³ é bramco, ca a comfissão he a mais branca cousa que seja e a mais limpa do que nenhũu omem será; depois lhe dise deos que consagrase. E ele vio diamte desy huũ menyno»¹⁴.

Neste sentido, o francês elucida-nos claramente, ao trazer *capias cornus* e, nalgum manuscrito, *chapiaus cornus*¹⁵. E segue explicando a simbologia das duas pontas ou *cornos* cimeiros da mitra episcopal.

¹² LÉON DE KERAL, *L'Évolution et le Développement du Merveilleux dans les Légendes de S. Antoine de Padoue* (Paris, 1906) pp. 228-229.

¹³ *Livro de José de Arimateia*, ed. cit., p. 119.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Vulgata-Sommer*, t. 1 (Washington, 1909), p. 39 e nota 6.

A versão castelhana, ao falar da mitra e antes da missa de Josefes, iguala-se em extensão ao francês da Vulgata. Só que os editores do castelhano têm *corvos* (o que não faz sentido) no lugar de *cornos*:

«Agora debes saber que muestra la mitra. Confesion, por que esta blanca; ca la confesion es mas blanca cosa que sea e la mas linpia. Ca ningund onbre non sera tan lixoso nin tan enbargado de peccado que el quiera venir a verdadera penitencia, que non sea todo blanco e linpio. E sabes por que ha dos corvos? Porque la confesion ha dos mienbros: Penitencia e conpremiendo. E quando el peccador va al clerigo e dize sus peccados e los dexa de todo en todo e despues nunca torna e ellos, aquel bien ha penitencia. Mas por ende non es bien manifestado, ante le conviene fazer conplimiento. Conplimiento es quando algund peccador conosce su peccado e cunple faziendo quanto le manda su abbat e suffre ende lazeria de coraçon e de buen grado. Asy puedes entender que ninguno non puede ser manifestado si non a la cabeça de confesion e los dos mienbros; que la cabeça es commo fallarse mal del peccado que fizo, e los mienbros guardarse de peccado e conplir lo que mando su abat. E jamas non sera verdaderamente manifestado sy fallesciere en alguna cosa destas tres. E porque la confesion es la mas alta cosa que sea commo cosa que rremiira a golpe todos los dannos e todas las perdidas. Por esto es este capillo que traes mas alto que todo lo al que vistes. Agora eres tan sagrado e oliado. E dite onrra de obispo», etc.

Saltamos nove linhas, que por sinal faltam no português, e verificamos que, desde o começo da missa até ao aparecimento do Menino, a descrição em português é bem pequena em comparação da versão em castelhano, que continuamos a transcrever: «Agora ven e farás el sacramento de mi carne e de mi sangre, asy que todo mi pueblo lo vea. E entonce lo metio en larca. E vidolo todo el pueblo, e crescio tanto el arca que todos estavan dentro largamente. E veyan los angeles yr e venir por ante el arca. Ally dentro fizo Josaphas el primero sacramento que nunca fizo a aquel pueblo. Mas toste lo conprio; ca non dixo si non la palabra solamente que dixo Nuestro Sennor en la cena a sus discipulos: Comet, este es tel verdadero cuerpo que por vos e por otros muchos sera majado. E otrosi les diox en el vino: Tenet e bevet todos; ca esta es la sangre de mi nueva ley, la mia mesma que por vos sera vertida en rredenpcion del mundo e de vuestros peccados. E estas palabras dixo Josafas sobre el pan

que fallo sobre la patena del caliz. E tan ayna como lo gelo dixo, el pan torno carne, e el vino sangre. E entonçe vido Josafas claramente que tenia entre sus manos un cuerpo asy commo de un moço»¹⁶.

O português passa dum salto, ou quase, da mitra para a comunhão e não sabemos se a culpa foi de qualquer escriba, português, castelhano ou mesmo francês. Está errada, parece-nos, a expressão *por erost*^o, correspondendo, no francês, a *et por ce est il blans*¹⁷, ou *et pour chou est il blans* — e por este motivo...

Para acabar, lembramos por outro lado que a significação de *cornutus* (mitrado, bispo) não impedia, já antigamente, o pejorativo de marido enganado pela mulher. Mas S. António, ao pregar, andava longe de tais pensamentos. E veio tudo isto a propósito do simbolismo dos paramentos eclesiásticos, no *Livro de José de Arimateia*.

MÁRIO MARTINS

¹⁶ *Spanish Grail Fragments*, t. 1, ed. cit., pp. 44-46.

¹⁷ *Vulgata-Sommer*, t. 1 (Washington, 1909) p. 39.